

Editorial

O Número 1, de 2021, apresenta o Número Temático “Pedagogias emergentes em cenários pandêmicos”. Desde o final do ano de 2019, a COVID-19 vem afetando todo o mundo, não se circunscrevendo apenas à esfera sanitária. O presente Número é publicado junto ao momento crítico da pandemia, quando se contabiliza um óbito a cada quarenta e cinco segundos no Brasil, com tantas internações hospitalares que o sistema de saúde colapsa em diversos Estados do país. Os efeitos deste acontecimento se estendem a contextos sociais múltiplos, envolvendo, também, os âmbitos: político, econômico, bem como, o da educação. A adoção do distanciamento físico como medida profilática primordial teve um impacto imediato nos modos de organização dos diversos setores e nos modos de viver da população mundial, perplexa e apreensiva quanto à vida possível na pós-pandemia, em um cenário vislumbrado ou já denominado “o novo normal”. Este implica, para além das medidas para distanciamento, no uso de Equipamentos de Produção Individual (EPIs) e, principalmente, no uso de aparatos tecnológicos para substituir encontros com presença física. No Brasil, a partir de março de 2020, o cenário educacional, com o ano letivo recém-iniciado, vê-se impactado pelo fechamento de atividades presenciais por tempo indeterminado nas instituições escolares públicas e privadas, incluindo as universidades. A suspensão das atividades no tempo-espaço-escola desencadeou uma migração imediata para o encaminhamento de atividades remotas, desenvolvidas com o apoio de plataformas e tecnologias digitais, a serem realizadas em espaços-tempos “diluídos” nos lares.

Os impasses provocados por essa “pedagogia do distanciamento” e do que vem se estruturando como Ensino Remoto Emergencial (ERE), são inúmeros. Problemas do público ao privado – envolvendo desde a potencialização de cenários de exclusão social, via tecnologias digitais, à reestruturação das rotinas de organização das famílias – levam a inúmeros questionamentos sobre o papel da educação, como também, sobre os itinerários formativos delineados por professores e estudantes.

Nesse contexto, entre tantas perguntas formuladas, destacamos: quais os esteios paradigmáticos possíveis para subsidiar as interpretações/análises dos cenários educativos emergentes? Como

Editoras convidadas

Verônica Domingues Almeida

Universidade Federal da Bahia

Maria Roseli G. B. de Sá

Universidade Federal da Bahia

Paola Zordan

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Editora Associada

Maria Cecília de Paula Silva

Universidade Federal da Bahia

os currículos estão sendo pensados e realizados? Que possíveis rupturas foram desencadeadas pela adoção de atividades remotas no que se refere à forma hegemônica escolar – tempo, espaço e disciplinas? Como o hibridismo instalado nesse contexto afeta os papéis das famílias e instituições educativas? Que deslocamentos foram forjados nas relações entre cibercultura e educação? Que propostas estão sendo/foram desenvolvidas no âmbito da infância? Enfim, que pedagogias emergem nesses cenários pandêmicos? Estes e outros questionamentos potencializam os debates para a compreensão dos percursos que a educação está trilhando na contemporaneidade e quais recortes, nas pesquisas educacionais, podemos apresentar frente à presente situação.

Nesse tempo de distanciamentos, e não propriamente de isolamento social como bem demonstram as pesquisas, aulas e fóruns em andamento, propusemos a criação de um dossiê que permitisse pensar novas possibilidades para nosso campo de produção, a Educação. Buscando atender a esta urgência, apresentamos um conjunto temático que aborda a atualidade procurando distintos olhares e reflexões sobre o contexto no qual nos encontramos. Um de nossos principais objetivos é apresentar um panorama de múltiplas possibilidades e territórios de produção do conhecimento científico no campo da Educação, buscando contribuir com os debates sobre os percursos que a atividade educativa está trilhando a partir da pandemia de COVID-19.

O conjunto de textos publicados traz uma multiplicidade de enfoques, afirmando o perspectivismo em olhares, por vezes, díspares em suas defesas, suas críticas e escolhas. Propusemos uma pluralidade teórica, incluindo pesquisas qualitativas e, também, como bem definiu Sandra Corazza, *escrileituras* em torno das questões lançadas para disparar os textos. Todas as produções, apresentadas inicialmente, atravessavam tanto discussões específicas aos níveis e às etapas do ensino institucionalizado, quanto abordagens de questões mais amplas, as quais referem-se ao ensino informal, às multiplicidades pedagógicas, à análise de contextos, diversos aspectos culturais e à transcrição metodológica. O presente conjunto permanece se movendo por várias áreas de conhecimento, além da pedagogia: filosofia, antropologia, cinematografia, ciências da arte e, como era de se esperar, há diversos tratamentos e discussões em torno das tecnologias de informação e comunicação. Por fim, destacamos a abrangência espacial com que se compôs o dossiê, o

qual traz pesquisadores vinculados a instituições de várias regiões brasileiras (UFBA, UFRGS, UNIOESTE, UNEB, UESB, UPF), uma Secretaria de Educação situada no interior baiano e, ainda, uma pesquisa desenvolvida na Argentina (UNPA). Por fim, observamos que a temática, no corpus do dossiê, tentou abordar todos os níveis de educação brasileira, com a intenção de trazer subsídios para pensarmos **Pedagogias emergentes em cenários pandêmicos** desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Em “O retorno a um ‘novo normal’: a emergência de um pós-normal em educação?” Daniele Freire Raic e Maria Roseli de Sá partem dos questionamentos *quando voltaremos ao normal? Haverá um novo normal? Como serão as atividades escolares após a pandemia?* para problematizar o “normal” e o “novo normal” em suas ambiguidades e tensionamentos e agenciar enunciados no sentido da emergência de um pós-normal em educação, trazendo possibilidades de aberturas para novas composições curriculares. O texto apresenta narrativas entusiasmadas de estudantes de Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas e de Ensino Superior sobre seus novos cenários educativos, especialmente quanto à realização de atividades *on-line*, para apontar a necessidade de “repensarmos nossos modos de produzir e habitar em novos territórios em tempos de *intermezzo*, deixando emergir novas composições curriculares nesse pós-normal em educação, com todas as suas ambiguidades, suas ambivalências, suas tramas”.

O texto “Pedagogia da imagem-COVID-19: o que traduz o tempo presente?”, de autoria de Ana Carolina Acom, se propõe apresentar “uma pedagogia da imagem formada durante a pandemia da COVID-19”, tendo como ponto de partida imagens que traduzam o tempo presente. Tem como inspiração teórica formulações de Deleuze sobre imagem-tempo no âmbito do cinema para discorrer sobre a experiência do agora. Com isso apresenta “a coalescência do futurismo gráfico e distópico de uma pandemia com a impressão de *déjà-vu*, em uma memória do atual”. Faz uma densa descrição de imagens contemporâneas evocativas da estética da pandemia (ruas vazias, máscaras), caos político, as quais nos sitiam. O discurso traz imagens vigorosas e discussões (im)pertinentes sobre memórias que poderão ficar desses tempos.

No texto “Escola, currículo e conhecimentos: sentidos tensionados em contextos da pandemia”, Juarez da Silva Thiesen analisa sentidos sociais atribuídos à escola, seus currículos e conhecimentos,

face aos tensionamentos discursivos, derivados de correlações de forças de distintos segmentos sociais, em razão da proposição de modelos não convencionais de funcionamento para escolas de Educação Básica e instituições de educação superior nesse tempo de pandemia. Debate como tais jogos de forças colocam em disputa três racionalidades: uma de base neoliberal, que concebe a escola como máquina de produção de resultados objetivos; outra ancorada na ideia de escola como espaço socioeducativo; e uma terceira que entende a escola como lugar de formação humana e instituição promotora do direito universal à aprendizagem e ao desenvolvimento humano. Essas concepções são tensionadas a partir da indicação de relacionarmos os sentidos sociais da educação, da formação, dos currículos e dos conhecimentos “com a ideia de um projeto de humanidade que coloca o cuidado com a vida singular e coletiva acima dos interesses da economia”.

“Cenários da Educação Infantil no Território de Identidade de Irecê na pandemia de COVID-19”, de Joelma Gomes de Oliveira Bispo e Flavia Lorena de Souza Araújo, traz depoimentos de profissionais de uma Secretaria de Educação (SEC), relatando a constituição e consolidação de um amplo fórum de debates e apoio mútuo dedicado à Educação Infantil. Esse fórum “busca por alternativas que contribuam para o melhor desenvolvimento do trabalho pedagógico”, que, na Educação Infantil, demanda presença, cuidados, rotinas e outros elementos, os quais, no contexto sem precedentes vivido hoje, necessitam de reinvenção. A preocupação com a exclusão das famílias que não tem meios tecnológicos para se comunicarem e a complexidade das questões envolvidas na primeira etapa da Educação Básica, na qual a educação remota ou a distância não procede, são tratadas a partir do ângulo de professoras e outros agentes educativos com o intuito de garantir a “defesa do direito das crianças brasileiras a uma educação de qualidade”.

“O Ensino Superior: as *Antígonas* de nosso tempo pandêmico e o agravamento das desigualdades sociais” de Magali Mendes de Menezes e Pedro de Almeida Costa discute os agravos provocados pela pandemia nas desigualdades sociais advindas de processos de colonização que perduram até hoje, notadamente no campo da Educação, afetado pela suspensão das aulas e pela decisão da utilização do ensino remoto, o que, para a autora e o autor, poderá aprofundar as desigualdades e potencializar atitudes ainda não combatidas integralmente no Brasil como o racismo, a violência de gênero e

a exploração do trabalho. O texto traz resultado de uma pesquisa sobre ensino remoto realizada na UFRGS, sendo o ERE, no âmbito desta universidade, uma discussão demasiado polêmica.

“Espacios online educativos a partir de la percepción de la propia experiencia de estudiantes universitarias/os” de Verónica FicoSeco e Melina Gaona é um texto que trata da crescente demanda de tecnologias pensando os ambientes virtuais como *continuum* dos espaços educativos. O estudo feito junto a calouros da Unidad Académica de San Julián da Universidad Nacional de la Patagonia Austral (UNPA), na Argentina, traz dados quantitativos em torno do uso de redes sociais e plataformas institucionais. Ao constatar a preferência por veículos não institucionais na comunicação com os professores, o texto discute as medidas emergenciais que surgem no sentido de garantirem acesso a uma educação superior pública e gratuita. Sendo as experiências *on-line* marcantes durante a pandemia, o texto apresenta as percepções em torno da liberdade de expressão, situações de violência e discriminação social *on-line*. O intuito da análise busca subsidiar possibilidades para que o uso das tecnologias, conceituado como “dispositivo hipermedial dinâmico, definido como una red sociotécnica de carácter participativo y no excluyente”, se desenvolva de modo inclusivo e com apropriação crítica.

No texto “Sociedade do Espetáculo Adiado: apontamentos sobre educação na cidade febril” Marcio Tascheto parte da suspensão das características da sociedade do espetáculo, em meio às mudanças operadas pela crise sanitária e seus desdobramentos econômicos, sociais, culturais nos modos de subjetivação contemporâneos, para apresentar o que denomina de “efeito ‘Joker’ na sociedade do espetáculo adiado”, elencando algumas reverberações que a pandemia de COVID-19 evoca como linhas abertas ao pensamento violentado e à composição megamaquinímica das cidades, indicando o exercício de uma nova atenção e a liberação de novas visualidades e enunciados do contemporâneo, como possibilidades de formulações de uma educação informe.

Ao propormos o presente dossiê, gostaríamos de discutir o abalo da cultura letrada e ao que estão sujeitos os currículos, a fim de pensar a escola e a universidade como formação humana. O intuito é valorizar as ciências humanas como campo de fortalecimento de escolas e universidades para identificar os perigos na deslegitimação de direitos fundamentais. Com desigualdades

irremediavelmente expostas com a pandemia em curso, novas configurações educacionais da contemporaneidade se colocam frente à situação ocasionada pelo distanciamento social e as consequentes reformulações da prática docente quanto a modos de interagir com os alunos de forma remota. Os padrões repetitivos, as soluções prontas, os saberes fragmentados em conteúdos estereotipados e conservadores impedem ações que modifiquem aquilo que não mais funciona enquanto prática educativa. Tensiona-se uma pedagogia tipicamente cartesiana propondo considerações em torno de pedagogias como criação. Enquanto força criativa, criadora, a Educação indica que, mais do que pensar estratégias pedagógicas de enfrentamento, é preciso inventar novos estilos de pensamento e de vida, nos fazendo um convite a outros modos de sala de aula, de escolas, outras pedagogias, novos percursos e currículos. Trata-se de pensarmos as várias ameaças que a Educação passa frente às inúmeras injustiças e desigualdades da realidade brasileira; assim, procuramos outros olhares e críticas aos sistemas de ensino, às estratificações sociais e problematizações políticas vigentes na pandemia. Frente à pressão social e algumas experiências, especialmente nas classes infantis e iniciais, de retorno às aulas presenciais, a razão e a existência da escola, o respeito ao trabalho e à vida do professor, o papel das famílias na educação, a importância da ciência, o valor do conhecimento, vêm sendo exaustivamente discutidos. Como outros dossiês e números temáticos que mostram o quanto a produção intelectual em Educação se volta para tais questões em momento tão delicado para o povo brasileiro, o presente número procura contornar alguns dos temas possíveis dentro das dificuldades vividas neste cenário. Esperamos que as reflexões, questionamentos e tensionamentos aqui socializados potencializem a emergência de novas pedagogias e favoreçam os debates para a compreensão dos percursos que a educação está trilhando na contemporaneidade.

Salvador, dezembro de 2020.